

## **MATERNIDADE, TRABALHO DE CUIDADOS E DESIGUALDADES SOCIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE *QUE HORAS ELA VOLTA?***

Sanzia de Oliveira Malveira<sup>1</sup>

Ticiane Fernanda Diógenes Pinheiro<sup>2</sup>

Dayane Dalles de Oliveira<sup>3</sup>

Francisca Ingrid Araujo Guimarães<sup>4</sup>

Dra. Heloísa Bárbara Cunha Moizéis<sup>5</sup>

### **RESUMO**

O artigo analisa a construção da personagem Val no filme *Que horas ela volta?*, dirigido por Anna Muylaert, a partir da perspectiva da psicologia, abordando as dimensões sociais, culturais e psicológicas de sua trajetória. Justifica-se pela necessidade de refletir sobre as desigualdades de gênero e classe no contexto brasileiro, especialmente no que se refere ao trabalho de cuidados e à maternidade. Tem como objetivo explicitar a relação entre maternidade, trabalho de cuidados e desigualdades sociais, destacando como essas questões impactam mulheres em diferentes contextos socioeconômicos. Adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em análise de conteúdo do filme e pesquisa bibliográfica em obras e artigos acadêmicos que tratam de trabalho doméstico, desigualdade social e relações familiares. A análise evidencia como o trabalho de cuidados, historicamente atribuído às mulheres e desvalorizado socialmente, impõe às trabalhadoras uma sobrecarga física e emocional, além de limitar suas possibilidades de mobilidade social e afetar as relações maternas. Observa-se que Val, ao assumir o cuidado do filho da patroa, vivencia uma inversão afetiva, criando laços mais estreitos com a criança que cria do que com sua própria filha, de quem permanece afastada em razão das condições impostas pela estrutura social. Conclui-se que o filme retrata com sensibilidade a precarização do trabalho doméstico, a desigualdade de gênero e a negligência das políticas públicas voltadas para a valorização do cuidado e apoio às mães trabalhadoras, evidenciando a urgência de transformações sociais que promovam maior reconhecimento e proteção a essas mulheres.

---

<sup>1</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [sanziaoliveira66@gmail.com](mailto:sanziaoliveira66@gmail.com)

<sup>2</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [ticianediogenes@hotmail.com](mailto:ticianediogenes@hotmail.com)

<sup>3</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [dayanedalles@gmail.com](mailto:dayanedalles@gmail.com)

<sup>4</sup>FACULDADE VIDAL: e-mail: [franciscaingrid2002@gmail.com](mailto:franciscaingrid2002@gmail.com)

<sup>5</sup>Professora Orientadora, Doutorado em Psicologia Social, FACULDADE VIDAL: e-mail: [heloisabarbara96@gmail.com](mailto:heloisabarbara96@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Maternidade; Trabalho de Cuidados; Desigualdade Social; Gênero.

## **INTRODUÇÃO**

A maternidade não é uma experiência homogênea ou universal; ela é atravessada por construções sociais marcadas por desigualdades de gênero, classe e raça. Cruz (2020) aponta que mulheres empregadas domésticas vivem contradições entre o cuidado dedicado às famílias empregadoras e o distanciamento de seus próprios filhos. O chamado “trabalho de cuidados” — que inclui tarefas domésticas e o cuidado com crianças e idosos — é historicamente atribuído às mulheres e desvalorizado socialmente (HIRATA, 2007). Essa desigualdade se intensifica quando analisada sob a perspectiva racial: Lima (2012) destaca a permanência de estruturas herdadas do período escravocrata, que ainda hoje relega às mulheres negras os postos mais precarizados. Mattos (2019) reforça que são, em sua maioria, mulheres pobres as principais responsáveis por esse trabalho no Brasil, enfrentando longas jornadas e instabilidade. Para muitas, o trabalho doméstico é a única alternativa de renda, ainda que isso signifique o afastamento dos filhos.

A maternidade e o trabalho de cuidados são temas centrais nas discussões sobre a divisão sexual do trabalho e as desigualdades sociais. O cuidado, muitas vezes naturalizado como responsabilidade exclusiva das mulheres, é historicamente desvalorizado, invisibilizado e precarizado, especialmente no contexto do trabalho doméstico remunerado (HIRATA, 2007). No Brasil, essas práticas estão profundamente atravessadas por recortes de gênero, classe e raça, refletindo a sobrecarga imposta às mulheres pobres, negras e migrantes. A maternidade, por sua vez, é marcada por tensões entre o ideal socialmente construído do cuidado materno constante e as condições materiais que, frequentemente, obrigam as mães a delegar ou a distanciar-se fisicamente dos cuidados com seus próprios filhos para garantir a sobrevivência (CRUZ, 2020). Nesse sentido, analisar essas relações a partir da representação cinematográfica do filme “Que horas ela volta?” contribui para o entendimento crítico das estruturas sociais que perpetuam essas desigualdades.

O filme “Que horas ela volta” é uma obra cinematográfica brasileira de drama dirigido por Anna Muylaert e lançado em 2015. O mesmo conta a história de Val, uma empregada doméstica nordestina que trabalha e vive na casa de uma família de classe alta em São Paulo e sua relação com a filha. A história de Val, que deixa Pernambuco em busca de melhores condições de vida em São Paulo, trabalha como empregada doméstica na casa de uma família de classe média, é uma trajetória comum entre as várias trabalhadoras e trabalhadores que

migram conforme o movimento de migração da capital. Na história, Val, que deixa uma filha (Jéssica) em Pernambuco, é responsável por cuidar do filho da patroa, Fabinho, com o qual tem uma relação maternal (MUYLAERT, 2015).

O distanciamento entre Val e sua filha Jéssica cria um vazio materno-afetivo que é parcialmente preenchido por sua relação com Fabinho, filho da patroa, cuja mãe se ausenta devido à longa jornada de trabalho. Val assume o papel de mãe substituta para o menino, enquanto sua conexão com a filha é fragilizada pela distância emocional e geográfica, refletindo as interseções entre maternidade, trabalho de cuidados e desigualdade social. Essa dinâmica retrata a precarização do cuidado e as desigualdades de gênero e classe no Brasil. Como mostra Mattos (2019), cerca de 93% das trabalhadoras do cuidado são mulheres, concentradas em ocupações de baixa remuneração e pouca valorização, como educação infantil, enfermagem, serviços sociais e trabalho doméstico. A maioria é de origem popular, com menor escolaridade e acesso limitado a direitos, o que evidencia desigualdades estruturais de gênero, classe e raça. Assim, o presente resumo busca discutir essas questões a partir da análise do filme *Que horas ela volta?*, destacando seus impactos sobre mulheres em diferentes contextos socioeconômicos.

## **METODOLOGIA**

O trabalho propõe analisar a construção da personagem Val retratada no filme “Que horas ela volta”, explorando suas dimensões psicossociais. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, conduzida com base em uma análise crítica acerca do filme, considerando aspectos sociais, culturais e psicológicos que envolvem a trajetória da personagem principal, além dos demais personagens que compõem a narrativa. Como suporte teórico para aprofundamento das discussões, utilizou-se pesquisa bibliográfica em obras e artigos acadêmicos que discutem temas relacionados a trabalho doméstico, desigualdade social e relações familiares no contexto brasileiro. Para isso, recorreu-se às seguintes bases de dados: SciELO e Google Acadêmico. O período de pesquisa se deu do dia 21 de abril até o dia 7 de maio e as palavras-chave usadas foram: “que horas ela volta”, “maternidade”, “empregadas domésticas” e “trabalho de cuidados”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A presente análise aborda sobre um filme dirigido por Anna Muylaert, *Que Horas Ela Volta?* (MUYLAERT, 2015) que trouxe à tona discussões em perspectivas sociais, econômicas, históricas, psicológicas e de saúde mental. No filme, Val - que deixou a filha em Pernambuco para ser babá em São Paulo - mora na mesma casa em que os patrões, Bárbara e Carlos, mas

vive segregada em vários aspectos que, para ela, são naturais: não poder sentar-se à mesma mesa, nem comer o mesmo sorvete ou entrar na piscina da casa. Quando, 13 anos depois, sua filha Jéssica desembarca na mesma cidade para prestar vestibular, a menina não encara estas barreiras com a mesma naturalidade e acaba abalando as estruturas vigentes. A Jéssica chega para estudar arquitetura com um discurso de que isso é um instrumento de mudança social, e de cara descobre que a mãe mora num quatinho dos fundos. Não é essa a lógica de espaço em que ela acredita, mas ela chega e vê essa segregação extremamente forte.

A maternidade, historicamente idealizada como uma dedicação integral e afetiva, se choca com a realidade de muitas mulheres que, diante das exigências econômicas, são forçadas a se afastar de seus filhos para garantir o sustento da família. Essa contradição é vivenciada de maneira especialmente intensa por trabalhadoras domésticas, como mostra Cruz (2020), ao discutir o sofrimento emocional causado pela distância imposta entre mães e filhos em razão do trabalho em casas de outras famílias. O cuidado, embora essencial, segue sendo socialmente desvalorizado, invisibilizado e atribuído quase exclusivamente às mulheres, o que reforça a precarização de quem o exerce (HIRATA, 2007).

Como destaca Mattos (2019), as mulheres, sobretudo as negras e de baixa renda, estão concentradas em ocupações ligadas ao cuidado e ao trabalho doméstico, sendo submetidas a jornadas longas, baixos salários e condições muitas vezes desumanas. Lima (2012) reforça essa crítica ao apontar que há uma continuidade entre o passado escravocrata e o presente, onde as mulheres negras ainda ocupam o lugar de cuidadoras alheias, num ciclo que perpetua desigualdades raciais e sociais. No filme *Que horas ela volta?*, a personagem Val representa essa realidade: ela deixa a filha no interior para cuidar do filho da patroa em São Paulo, vive em um quatinho no fundo da casa, com horários rígidos e invisibilidade afetiva e política dentro da estrutura familiar burguesa que a emprega. Como afirma Cruz (2020, p. 132): “Ser mãe e trabalhadora doméstica remunerada é experimentar o cuidado como uma atividade constantemente atravessada por contradições: cuida-se para fora, mas deixa-se de cuidar do que é próprio [...] proporciona-se segurança, enquanto se vive a ausência.” A história de Val revela, com sensibilidade e crítica, como o trabalho de cuidado mal remunerado e desumanizado rouba das mulheres não apenas sua força de trabalho, mas também a possibilidade de vivenciar plenamente sua maternidade e a possibilidade de se reinventar.

Na realização das tarefas de cuidado e manutenção das famílias de camadas médias no Brasil – desempenhada, na esmagadora maioria das vezes, por mulheres pobres, fora da

parentela dos empregadores – assim como nas formas de remuneração e de relacionamento que se desenvolvem entre patrões e empregadas domésticas, reproduz-se um sistema altamente estratificado de gênero, classe e cor. A manutenção desse sistema hierárquico que o serviço doméstico desvela tem sido reforçada, em particular, por uma ambiguidade afetiva entre os empregadores – sobretudo as mulheres e as crianças – e as trabalhadoras domésticas (BRITES, 2000). Conforme Teixeira, Saraiva e Carrieri (2015) a precariedade a que muitas empregadas se submetem remetem ao período em que o modelo escravocrata estava em voga, em que as relações existentes exigiam o padrão do oferecimento de dinheiro aos serviços prestados, pagando-as apenas com os chamados “benefícios”. Essa precariedade das relações de trabalho coloca o sujeito em situações que devem se “doar” ao emprego em tempo integral, fazer jornadas exorbitantes, além do não reconhecimento devido pela sociedade e, muito menos, pelos empregadores.

Ainda de acordo os autores, em estudo referente aos lugares ocupados pelas empregadas domésticas, apesar de toda a carga inerente à sua organização do trabalho, aquelas que participaram da pesquisa parecem entender o ambiente de trabalho como uma extensão do lar, sentindo-se parte da família, sem fazer a dissociação entre o que é trabalho e a vida privada. Há certa “simbiose simbólica” entre os espaços preenchidos pelas empregadas domésticas que, em muitas vezes, consideram-se parte da família, em uma dinâmica social que favorece o sentimento de negação em ser empregada doméstica, na medida em que suas relações de afeto com os entes patronais tendem a se tornar mais sólidas (TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015). Apesar de Val se sentir da família em diversos momentos do filme, percebemos essa relação familiar expressada por Val a Bárbara, a Carlos e, principalmente, a Fabinho, ela obedece a todos os ritos pré-estabelecidos em sua organização do trabalho. O que parece mais emblemático é o fato de não se sentar à mesa da cozinha, um espaço inteiramente dedicado a ela, mas que não pode usufruir como “membro da família” (GHIZONI et al, 2016).

## CONCLUSÃO

A análise do filme *Que horas ela volta?* evidencia como o trabalho de cuidados, historicamente delegado a mulheres negras e de baixa renda, é atravessado por desigualdades de classe, gênero e raça. A trajetória de Val escancara as renúncias impostas a essas mulheres, que muitas vezes precisam abrir mão da convivência com seus próprios filhos para cuidar dos filhos de outras famílias, em um ciclo de invisibilização e sacrifício. O filme, ao expor essas tensões com sensibilidade e crítica, contribui para o debate sobre a valorização do trabalho

doméstico e a urgência de políticas que promovam reconhecimento, justiça e dignidade para aquelas que sustentam, silenciosamente, as estruturas de cuidado em nossa sociedade.

Além disso, a obra cinematográfica permite uma reflexão sobre o impacto subjetivo dessas relações, revelando os efeitos emocionais da separação familiar e da desigualdade de oportunidades. Ao retratar o cotidiano dessas mulheres, a narrativa rompe com a naturalização da desigualdade e evidencia a necessidade de romper com padrões estruturais que mantêm essas trabalhadoras em posições precarizadas. Portanto, discutir o cuidado a partir de uma perspectiva interseccional é fundamental para construir caminhos mais equitativos, onde a maternidade e o trabalho sejam reconhecidos, respeitados e sustentados por políticas públicas inclusivas e eficazes.

## REFERÊNCIAS

BRITES, Jurema. **Afeto, Desigualdade e Rebeldia: bastidores do serviço doméstico**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2000

GHIZONI, L., D; CUNHA, A., M., S; SILVA, D., A; FIGUEREIDO, N., O; CARVALHO, P., L. **O olhar da psicodinâmica do trabalho sobre o filme “Que horas ela volta?”**. Rev. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 3, n. 7, 2016.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. de P. **Os Lugares das Empregadas Domésticas**. O&S - Salvador, v. 22, n. 72, p. 161-178, 2015.

MUYLAERT, Anna (Direção). **Que horas ela volta?** São Paulo: Gullane, 2015. Disponível em: [https://youtu.be/pD-8ZeEFC\\_Y?si=HT5otU2-2c5FTnSm](https://youtu.be/pD-8ZeEFC_Y?si=HT5otU2-2c5FTnSm). Acesso em: 21 abr. 2025.

CRUZ, Ana Carolina da. **Trabalho doméstico remunerado e maternidade: o dilema da cuidadora que também é mãe**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218138>. Acesso em: 07 maio 2025.

HIRATA, Helena. **O cuidado: de conceito analítico a agenda política**. SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 5, n. 24, p. 133–143, 2007. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>. Acesso em: 07 maio 2025.

LIMA, Tânia Aparecida. **De escravas a empregadas domésticas: a nova face da opressão feminina negra**. 2012. Disponível em: <https://escrevivencia.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/04/de-escravas-a-empregadas-domc3a9sticas.pdf>. Acesso em: 07 maio 2025.

MATTOS, Elizabeth. **Mulheres, cuidado e desigualdade social: uma análise da divisão sexual do trabalho no Brasil contemporâneo**. Cadernos Espaço Feminino, Uberlândia, v. 32, n. 2, p. 243-261, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/191555>. Acesso em: 07 maio 2025.